

JUNG CHANG

A imperatriz de ferro

A concubina que criou a China moderna

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Globalflair Ltd.
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Empress Dowager Cixi: The Concubine who Launched Modern China

Foto de capa

Cixi, a imperatriz-viúva da China, 1835-1908

Arquivos Freer Gallery of Art e Arthur M. Sackler, Smithsonian Institution,
Washington, D.C.: SC-GR-254 colorizada

Preparação

Silvia Massimini Felix

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chang, Jung

A imperatriz de ferro: A concubina que criou a China moderna /
Jung Chang; tradução Donaldson M. Garschagen. — 1ª ed. — São
Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original: Empress Dowager Cixi: The Concubine who
Launched Modern China.

ISBN 978-85-359-2480-0

1. China – História – 1861-1912 2. China – Política e governo
– Século 19 3. Cixi, Imperatriz-viúva da China, 1835-1908 4. Impe-
ratriz – China – Biografia I. Título.

14-07566

CDD-951.035092

Índice para catálogo sistemático:

1. Imperatriz Cixi: China: História 951.035092

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	11
<i>Sobre as fontes</i>	15
<i>Nota da autora</i>	17
<i>Mapa – A China no tempo da imperatriz-viúva Cixi</i>	18

PARTE I

A CONCUBINA IMPERIAL EM ÉPOCAS TEMPESTUOSAS (1835-61)	21
1. Concubina do imperador (1835-56)	23
2. Da Guerra do Ópio ao incêndio do Antigo Palácio de Verão (1839-60)	39
3. Morre o imperador Xianfeng (1860-1)	60
4. O golpe que mudou a China (1861)	66

PARTE II

CIXI ATRÁS DO TRONO DO FILHO (1861-75)	79
5. O primeiro passo no longo caminho para a modernidade (1861-9)	81
6. Primeiras viagens ao Ocidente (1861-71)	99
7. Amor desventurado (1869)	114
8. Uma vingança contra o Ocidente (1869-71)	120
9. Vida e morte do imperador Tongzhi (1861-75)	131

PARTE III

CIXI GOVERNA EM NOME DE UM FILHO ADOTIVO (1875-89)	147
10. Um menino de três anos se torna imperador (1875)	149
11. A modernização se acelera (1875-89).....	154
12. Defensora do império (1875-89).....	166

PARTE IV

O IMPERADOR GUANGXU ASSUME O PODER (1889-98).....	181
13. Guangxu se afasta de Cixi (1875-94)	183
14. O Palácio de Verão (1886-94)	199
15. Aposentadoria e lazer (1889-94).....	204
16. Guerra com o Japão (1894).....	224
17. A paz que arruinou a China (1895).....	242
18. A corrida para retalhar a China (1895-8).....	250

PARTE V

PARA A FRENTE DO PALCO (1898-1901)	265
19. As reformas de 1898 (1898)	267
20. Um complô para assassinar Cixi (setembro de 1898)	281
21. A ânsia de destronar o filho adotivo (1898-1900)	298
22. Guerra contra as potências mundiais, usando os boxers (1899-1900)	308
23. Lutando até o amargo fim (1900).....	325
24. Fuga (1900-1)	335
25. Remorso (1900-1).....	348

PARTE VI

A REVOLUÇÃO REAL DA CHINA MODERNA (1901-8)	361
26. Regresso a Beijing (1901-2)	363
27. Fazendo amizade com os ocidentais (1902-7).....	370
28. A revolução de Cixi (1902-8).....	387
29. Eleições! (1905-8).....	402
30. Enfrentando rebeldes, assassinos e japoneses (1902-8)	410
31. Mortes (1908).....	427

<i>Epílogo: A China depois da imperatriz-viúva Cixi</i>	439
<i>Notas</i>	443
<i>Arquivos consultados</i>	477
<i>Bibliografia</i>	479
<i>Agradecimentos</i>	495
<i>Créditos das ilustrações</i>	497
<i>Índice remissivo</i>	499

PARTE I
A CONCUBINA IMPERIAL EM
ÉPOCAS TEMPESTUOSAS (1835-61)

1. Concubina do imperador (1835-56)

Na primavera de 1852, numa das periódicas seleções nacionais de consortes imperiais, uma mocinha de dezesseis anos chamou a atenção do imperador e foi escolhida como concubina (um imperador chinês tinha direito a uma imperatriz e a quantas concubinas lhe aprouvesse). Nos registros da corte ela figurava simplesmente como “a mulher da família Nala”,¹ sem nenhum nome próprio — os nomes femininos eram tidos como insignificantes demais para ser registrados. Em menos de dez anos, porém, essa moça, cujo nome talvez tenha se perdido para sempre,* ascendeu o suficiente para se tornar a governante da China, e durante décadas — até sua morte, em 1908 — teve nas mãos o destino de quase um terço da população mundial. Ela foi a imperatriz-viúva Cixi (também grafado como Tzu Hsi). Esse era seu nome honorífico, que significa “gentil e alegre”.

Cixi pertencia a uma das mais antigas e ilustres famílias manchus. Os manchus eram um povo que originalmente vivia na Manchúria, além da Grande Muralha, a nordeste da China. Em 1644, a dinastia chinesa Ming foi

* Acreditou-se no passado que o nome de solteira de Cixi fosse Lan, que significa “magnólia” ou “orquídea”. Na verdade, esse nome só lhe foi atribuído quando ela passou a fazer parte da corte. Seus descendentes creem que seu nome próprio era Xing, “amêndoa”, cuja pronúncia é idêntica ao do caractere que significa “boa sorte”.²

derrubada por uma rebelião camponesa, e o último imperador Ming se enforcou numa árvore no jardim nos fundos de seu palácio. Os manchus aproveitaram a ocasião para invadir o país. Derrotaram os camponeses rebelados e fundaram uma nova dinastia, a Grande Qing — “Grande Pureza”. Tornando Beijing, a capital Ming, sua própria capital, os manchus vitoriosos acabaram construindo um império três vezes maior do que o Ming. Em seu apogeu, o império manchu ocupava um território de 13 milhões de quilômetros quadrados (atualmente a área da China é de 9,6 milhões de quilômetros quadrados).

De início, os conquistadores manchus, cuja população não passava de um centésimo da população de chineses nativos, os hans, impuseram seu domínio com violência. Obrigaram os homens hans a cortar o cabelo à moda manchu, como uma demonstração visível de submissão. Tradicionalmente, os hans usavam o cabelo comprido e enrolado num coque no alto da cabeça, mas os manchus cortavam o cabelo dos dois lados da cabeça e o deixavam crescer na parte central, fazendo uma trança. Os hans que se recusassem a usar esse rabicho eram sumariamente decapitados. Na capital, os conquistadores expulsaram os hans da Cidade Interior, concentrando-os na Cidade Exterior, separando os dois grupos étnicos com muros e portões.* Com o passar dos anos, a repressão abrandou, e de modo geral os hans vieram a levar uma vida que não era pior do que a dos manchus. A animosidade étnica diminuiu, ainda que os melhores empregos coubessem aos manchus. O casamento entre pessoas de etnias diferentes era proibido, e isso, numa sociedade baseada na família, fazia com que houvesse poucas relações sociais entre os dois grupos. No entanto, os manchus adotaram grande parte da cultura e do sistema político dos hans, e a administração do Império Manchu, presente em todos os rincões do país, como um polvo colossal, era realizada predominantemente por funcionários hans, selecionados entre os letrados, através dos tradicionais Exames Imperiais, voltados para os clássicos confucianos. Na verdade, os próprios imperadores manchus eram educados segundo o confucionismo, e alguns se tornaram maiores sábios confucianos do que os melhores entre os hans. Por isso, os manchus se consideravam chineses e chamavam seu império tanto de “Império Chinês” (ou “China”) quanto de “Império Qing”.

A família governante, os Aisin-Gioro, produziu uma sucessão de imperadores aptos e laboriosos, monarcas absolutistas que tomavam pessoalmente

* Os hans que tinham servido o exército manchu na Manchúria eram considerados manchus.

todas as decisões importantes. Não existia sequer um primeiro-ministro, mas apenas um grupo de auxiliares, o Grão-Conselho. Os imperadores se levantavam ao romper da madrugada para ler relatórios, realizar reuniões, receber autoridades e emitir decretos. Os relatórios, provenientes de todas as partes da China, eram objeto de atenção assim que chegavam, e raramente alguma questão ficava sem ser resolvida por mais do que alguns dias. A sede do trono era a Cidade Proibida. Talvez o maior complexo de palácios imperiais do mundo, esse conjunto retangular ocupava uma área de 720 mil metros quadrados, circundado por um fosso de dimensões proporcionais. Todo o conjunto era cercado por uma majestosa muralha com cerca de dez metros de altura e quase nove de largura na base, com uma suntuosa porta em cada lado e uma imponente torre de vigia em cada um dos quatro cantos. Quase todos os prédios do conjunto eram revestidos de ladrilhos de cerâmica esmaltada, no tom de amarelo reservado à corte. Ao sol, os telhados recurvos eram uma explosão de ouro.

Num bairro a oeste da Cidade Proibida ficava um centro de distribuição de carvão para a capital. Trazido das minas a oeste de Beijing, o carvão era carregado por caravanas de camelos e muares, todos com guizos. Dizia-se que cerca de 5 mil camelos entravam em Beijing a cada dia. As caravanas paravam ali, e os carregadores faziam suas compras em lojas cujos nomes estavam bordados em painéis coloridos ou gravados em caracteres dourados em placas laqueadas. As ruas não eram pavimentadas, e a poeira que se acumulava no tempo seco se transformava num rio de lama depois de uma chuvarada. Do sistema de esgoto, tão antigo quanto a própria cidade, exalava um fedor permanente. O lixo era simplesmente atirado na beira das ruas, para ser consumido por cães e aves. Depois de se alimentarem, bandos de abutres e gralhas-pretas voavam para a Cidade Proibida, negreando seus telhados dourados.

A certa distância do tumulto da área carvoeira se estendia uma rede de ruelas estreitas e tranquilas, conhecidas como *hu-tong*. Foi ali que, no décimo dia do décimo mês lunar, em 1835, nasceu Cixi, a futura imperatriz-viúva da China. As casas desse lugar eram espaçosas, com pátios bem dispostos, rigorosamente cuidadas e limpas, em contraste com as ruas sujas e caóticas. Os aposentos principais tinham portas e janelas que se abriam para o sul, a fim de captar o sol, enquanto o lado norte era emparedado para evitar as tempestades de areia que com frequência varriam a cidade. Os telhados eram cobertos de ladrilhos cinzentos. As cores dos telhados das casas eram estipuladas com in-

flexibilidade: amarelo para os palácios imperiais, verde para os príncipes e cinza para todos os demais.

Fazia gerações que a família de Cixi fornecia funcionários para o governo.³ O pai dela, Huizheng, fora secretário e depois chefe de seção no Ministério do Funcionalismo.⁴ A família era bem de vida, e Cixi teve uma infância feliz. Como manchu, ela foi poupada de ter os pés atados, um costume han que torturou as mulheres durante um milênio: os pés de uma menina eram quebrados quando ainda bebê e depois atados com firmeza para restringir seu crescimento. Os demais costumes, como a separação de homens e mulheres, eram em geral os mesmos entre manchus e hans. Por pertencer a uma família educada, Cixi aprendeu a ler e escrever um pouco de chinês, a desenhar, jogar xadrez, bordar e costurar — tudo isso prendas julgadas convenientes para uma jovem. Ela aprendia depressa e bem, e seus interesses eram amplos. No futuro, quando, como dever cerimonial, em certo dia auspicioso cumpria à imperatriz-viúva cortar o molde de um vestido para ela própria — símbolo de feminilidade —, ela desempenhava a tarefa com enorme competência.

A educação de Cixi não incluiu o aprendizado da língua manchu, que ela não sabia nem falar nem escrever. (Quando se tornou governante da China, ela ordenou que os relatórios escritos em manchu fossem traduzidos para o chinês antes de lhe serem apresentados.)⁵ Imersos na cultura chinesa havia duzentos anos, a maioria dos manchus não falava a língua materna, muito embora ela fosse a língua oficial da dinastia e vários imperadores tivessem procurado preservá-la. O conhecimento que Cixi tinha do chinês escrito era rudimentar, e ela poderia ser considerada “semianalfabeta”. Isso não quer dizer que lhe faltasse inteligência. O chinês é uma língua difícilíssima de aprender. É o único grande sistema linguístico no mundo que não possui um alfabeto, compõe-se de numerosos caracteres complicados — ideogramas — que têm de ser memorizados um a um e que, além disso, são inteiramente dissociados de sons. Na época de Cixi, os textos escritos estavam completamente divorciados da fala, de modo que uma pessoa não podia simplesmente escrever o que dizia ou pensava. Por conseguinte, para se qualificar como “educados”, os estudantes tinham de passar mais ou menos uma década, durante seus anos de formação, mergulhados em clássicos confucianos, muito limitados em temas e em estímulos. Menos de 1% da população era capaz de ler ou escrever o mínimo indispensável.

A inteligência intuitiva, que Cixi se comprazia em utilizar desde tenra idade, mais do que compensava sua falta de educação formal. Em 1843, quando ela contava sete anos, acabara havia pouco a primeira guerra do império contra o Ocidente, a Guerra do Ópio, iniciada pela Grã-Bretanha em reação ao fato de Beijing ter passado a reprimir o comércio ilegal de ópio realizado por comerciantes britânicos. A China foi derrotada e teve de pagar uma indenização astronômica. Premido pela necessidade de recursos, o imperador Daoguang (pai do futuro marido de Cixi) cancelou os presentes tradicionais às noivas de seus filhos — colares de ouro com corais e pérolas — e vetou os banquetes requintados por ocasião dos casamentos. As comemorações de Ano-Novo e de aniversários foram reduzidas, ou mesmo canceladas, e as concubinas reais de menor categoria passaram a ter de suplementar suas subvenções, agora diminuídas, vendendo bordados no mercado, através de eunucos. O próprio imperador passou a fazer vistorias nos guarda-roupas de suas concubinas para verificar se estavam escondendo roupas luxuosas contra suas ordens.⁶ Como parte de uma campanha severa para eliminar a corrupção entre as autoridades, empreendeu-se uma investigação sobre o erário público, sendo revelado que faltavam mais de 9 milhões de taéis de prata. Indignado, o imperador determinou que todos os tesoureiros e inspetores graduados da reserva de prata, durante os 44 anos anteriores, pagassem multas para cobrir esse rombo, fossem eles culpados ou não. O bisavô de Cixi servira como um dos tesoureiros, e sua cota na multa ascendia a 43 200 taéis — uma quantia astronômica, ao lado da qual seus vencimentos teriam sido uma ninharia.⁷ Como ele falecera havia muito tempo, seu filho, o avô de Cixi, estava obrigado a pagar metade dessa soma, embora trabalhasse no Ministério das Apenações e não tivesse nada a ver com o erário público. Depois de três anos de esforços inúteis para levantar esse dinheiro, ele só conseguira reunir 1800 taéis, e um edito do imperador o mandou para a prisão, determinando que só fosse libertado se e quando *seu* filho, o pai de Cixi, pagasse o saldo.

A vida da família virou de cabeça para baixo. Cixi, então com onze anos, foi obrigada a aceitar trabalhos de costura, a fim de contribuir para as despesas da casa, fato de que ela se lembraria por toda a vida e sobre o qual mais tarde falaria a suas damas de companhia na corte. Como era a mais velha de duas filhas e três filhos, o pai discutia o assunto com ela, e Cixi se mostrou à altura do que a situação exigia. Suas ideias eram bem ponderadas e práticas: que bens

vender, quais poderiam ser empenhados, a quem recorrer em busca de empréstimos e como abordar essas pessoas. Por fim, a família levantou 60% da quantia, o suficiente para livrar o avô da prisão. A contribuição da pequena Cixi para a solução da crise se tornou uma lenda na família, e seu pai lhe fez o elogio supremo: “Na verdade, essa minha filha mais parece um filho!”.

Tratada como um filho, Cixi podia debater com o pai assuntos que em geral eram vedados a mulheres. Inevitavelmente, em suas conversas eles falavam sobre questões oficiais e negócios de Estado, o que contribuiu para desenvolver o interesse que Cixi teve a vida inteira por essas áreas. Por ser consultada e ver que suas sugestões eram atendidas, ela adquiriu autoconfiança e nunca aceitou o pressuposto corrente de que o cérebro feminino era inferior ao masculino. A crise também ajudou a moldar o método que no futuro ela usaria para governar. Tendo sentido na carne a amargura da punição arbitrária, ela procuraria sempre ser justa com seus subordinados.

Como levantara uma quantia substancial para pagar a multa, em 1849 o pai de Cixi, Huizheng, foi recompensado com uma nomeação, pelo imperador, para governador de uma ampla região mongol. No verão desse ano ele viajou para lá com a família, radicando-se em Hohhot, hoje a capital da província da Mongólia Interior. Pela primeira vez, Cixi deixou a apinhada Beijing, indo além da degradada Grande Muralha, viajando por uma estrada pedregosa que levava às estepes mongóis, onde pradarias ininterruptas se estendiam até um horizonte muito distante. Durante toda a vida, Cixi teria paixão por espaços abertos e pela vida ao ar livre.

Na nova função de governador, o pai de Cixi tinha, entre suas atribuições, a de coletar impostos, e, dando continuidade a práticas correntes e imemoriais, ele espoliava a população local para compensar as perdas da família. Tal procedimento era visto como natural. Esperava-se que as autoridades, cujos vencimentos eram baixos, ampliassem seus rendimentos com todos os adicionais que pudessem obter — “dentro do razoável” — junto à população. Cixi cresceu considerando esse tipo de corrupção um meio de vida.

Em fevereiro de 1850, meses depois de a família se instalar na Mongólia, o imperador Daoguang morreu e foi sucedido pelo filho, o imperador Xianfeng. O novo monarca, então com dezenove anos, nascera prematuro e nunca

gozara de boa saúde. Tinha o rosto magro e um olhar melancólico, além de mancar, como resultado de uma queda de cavalo numa das expedições de caça, obrigatórias para os príncipes. Como os imperadores eram chamados de “dragões”, boquirrotos de Beijing o apelidaram de “Dragão Coxo”.⁸

Depois de sua coroação, uma operação que envolveu todo o império começou a escolher consortes para ele. (Nessa altura, ele tinha apenas uma consorte, uma concubina.) As candidatas, adolescentes, tinham de ser manchus ou mongóis. As moças hans estavam excluídas. Suas famílias deviam estar acima de certa categoria e tinham sido obrigadas a registrá-las ao atingirem a puberdade.⁹

Cixi estava na lista, e então, como outras moças de toda a China, ela viajou a Beijing. Instalou-se na antiga casa da família à espera da ocasião em que todas as candidatas desfilariam diante do imperador. Depois que ele fizesse sua seleção, algumas delas seriam dadas aos príncipes e outros membros da família imperial como consortes. As que não fossem escolhidas poderiam voltar para casa e se casar com outros pretendentes. O desfile na Cidade Proibida foi marcado para março de 1852.

O procedimento para o desfile de seleção vinha de gerações passadas. Na véspera da data fixada, as candidatas eram conduzidas ao palácio em carros puxados por muares — os “táxis” da época — contratados por suas famílias e pagos pela corte. Esses carros eram como baús com duas rodas, cobertos com bambus ou ratões trançados, embebidos em óleo de tungue para não deixar passar chuva ou neve. A parte interna era revestida de colchões e almofadas de feltro ou algodão e sobre essas caixas eram estendidas cortinas de um azul forte. Esses veículos eram utilizados mesmo pelas famílias de príncipes, caso em que o interior era revestido de pele ou de cetim, dependendo da estação do ano, enquanto o exterior ostentava marcas da classe do usuário. Mais tarde, ao ver um desses veículos passar silenciosamente e desaparecer na noite que caía, Somerset Maugham conjecturou:

Fica-se a imaginar quem viaja, sentado e de pernas cruzadas, dentro dele. Talvez seja um letrado [...] a caminho da casa de um amigo com quem trocará saudações rebuscadas e debaterá a era áurea de Tang e de Sung, que nunca mais voltará; talvez seja uma cantora vestida com sedas esplêndidas e com um casaco de ricas bordaduras, com jade no cabelo negro, convidada a uma festa onde talvez cante uma cançoneta e mantenha uma conversa espirituosa com moços educados o bastante para apreciar os dons de espírito.¹⁰

O carro que pareceu a Maugham estar transportando “todo o mistério do Oriente” era singularmente desconfortável, uma vez que suas rodas ficavam presas a ele com arames e pregos, sem molas. O ocupante era sacudido para cima e para baixo pelas ruas de terra e pedras, batendo em todos os lados do pequeno compartimento. A viagem era particularmente desagradável para os europeus, que não estavam habituados a sentar de pernas cruzadas e a não ter assento. O avô das irmãs Mitford, Algernon Freeman-Mitford, que logo viria a ser nomeado adido à legação britânica em Beijing, observou: “Depois de dez horas num carro chinês, um homem serve para pouco mais do que ser vendido para um garrafeiro”.¹¹

Avançando lentamente, os carros das candidatas convergiam para a porta dos fundos da Cidade Real, o lugar em que se aninhava a Cidade Proibida. Tal como esta, já em si enorme, essa gigantesca área externa era igualmente circundada por largas muralhas carmesins, sob telhados de cerâmica esmaltada com o mesmo amarelo imperial. Abrigava templos, salas de trabalho, armazéns e oficinas, pelos quais transitavam cavalos, camelos e jumentos a serviço da corte. No dia do desfile, ao pôr do sol, todas as atividades cessavam, e uma passagem se abria para os carros que traziam as candidatas e que entravam na Cidade Real numa ordem prescrita. Passando pelo Jingshan, uma colina artificial, chegavam diante da Porta Norte da Cidade Proibida, a Porta da Proeza Divina, coberta por um imponente e ornamentado telhado duplo.

Essa era a entrada dos fundos da Cidade Proibida. A Porta Sul, frontal, era vedada às mulheres. De fato, toda a seção frontal, a principal, se destinava somente a homens. Construída para cerimônias oficiais, consistia em grandiosos palácios e em pátios vastos e vazios, calçados de pedras, em que a ausência de plantas se fazia notar. Praticamente não havia vegetação. Isso era proposital, pois se julgava que as plantas criavam uma atmosfera de suavidade, o que reduziria a sensação de respeito: respeito pelo imperador, o Filho do Céu — sendo o “Céu” o místico e informe deus supremo que os chineses cultuavam. As mulheres deviam permanecer no interior da parte de trás da Cidade Proibida, o *hou-gong*, ou harém, onde não era permitida a entrada de homem algum, com exceção do imperador e dos eunucos, cujo número ascendia a muitas centenas.

As candidatas a ocupantes do harém se detinham então do lado de fora da entrada dos fundos, onde pernoitavam. Ao cair da noite, diante da porta colossal, os carros paravam num imenso pátio calçado, e a lanterna de cada um

deles criava seu próprio círculo de luz baça. As candidatas passavam a noite fechadas nos carros, esperando que a porta se abrisse ao alvorecer. Então apeavam e, dirigidas por eunucos, caminhavam para o palácio, onde seriam examinadas pelo imperador. Enfileiradas, de pé, diante de sua majestade, eram eximidas da obrigação de fazer o *kowtow*: pôr-se de joelhos e encostar a cabeça no chão. O imperador precisava vê-las claramente.

Além de um ilustre nome de família, “personalidade” era um critério crucial. As candidatas deviam mostrar dignidade, assim como cortesia e graciosidade, para não falar de doçura e modéstia — além de saber se comportar na corte. Beleza era um quesito secundário, mas elas precisavam ter boa aparência. Para que se mostrassem tal como eram na realidade, não podiam usar vestes ricas ou muito coloridas: seus trajes tinham de ser simples, apenas com algum bordado nas bainhas. Os vestidos manchus, em geral, eram muito enfeitados. Pendiam dos ombros até o chão e eram mais bem exibidos com as costas eretas. Os sapatos femininos, com bordados delicados, tinham o salto no meio da sola, podendo chegar a catorze centímetros de altura e obrigando as usuárias a se manter de pé em posição ereta. Na cabeça, usavam um toucado a meio caminho entre uma coroa e uma torre de portal, adornado com joias e flores em determinadas ocasiões. Quando isso acontecia, era preciso um pescoço firme para sustentá-lo.

Cixi não era uma beldade, mas sabia explorar o que tinha de melhor. Embora fosse baixa, com pouco mais de 1,50 metro, parecia bem mais alta, graças às vestes, aos sapatos e ao toucado. Sentava-se ereta e se movia com elegância, mesmo quando caminhava depressa, em cima do que alguns descreveram como “pernas de pau”. Tinha a pele perfeita e as mãos delicadas, que, mesmo na velhice, se mantinham macias como as de uma menina. Katharine Carl, pintora americana que mais tarde a retratou, assim descreveu seus traços:

Um nariz longo [...] o lábio superior muito firme, a boca um tanto grande, mas bem-feita, com lábios móveis e vermelhos, que ao se abrirem sobre os dentes firmes e brancos dão a seu sorriso um raro encanto; o queixo forte, mas sem firmeza exagerada e sem nenhum sinal de obstinação.¹²

O que mais se destacava nela eram os olhos brilhantes e expressivos, como muitos notaram. No futuro, durante as audiências, ela dirigiria seu olhar mais

lisonjeiro às autoridades, mas de repente os olhos faiscavam com um poder assustador. O primeiro presidente da China, o general Yuan Shikai, que servira sob as ordens dela e tinha a reputação de ser um homem impetuoso, confessou que o olhar de Cixi era a única coisa que o perturbava: “Não sei por quê, mas o suor começou a escorrer. Fiquei muito nervoso”.¹³

Durante a inspeção, os olhos de Cixi transmitiram todas as mensagens corretas, e o imperador Xianfeng as percebeu. Demonstrou seu agrado, e os funcionários da corte retiveram o cartão de identificação dela. Tendo sido incluída no rol das finalistas, ela foi submetida a novas verificações e passou mais uma noite na Cidade Proibida. Por fim, foi selecionada, junto com várias outras moças, entre centenas de candidatas. Não resta dúvida de que era esse o futuro que ela desejava. Cixi se interessava por política e não havia nenhum cavaleiro de armadura reluzente a esperá-la. A separação de homens e mulheres impedia qualquer ligação romântica, e a ameaça de castigos severos para toda família que promettesse a filha a outro pretendente antes que ela tivesse sido rejeitada pelo imperador significava que a família de Cixi não poderia ter cogitado nenhum arranjo nupcial para ela. Ainda que, depois de admitida à corte, Cixi quase nunca voltasse a ver a família, oficialmente se estipulava que os pais idosos de consortes reais podiam obter permissão especial para visitar as filhas e até permanecer durante meses em casas de hóspedes num canto da Cidade Proibida.

Fixou-se uma data para que Cixi se instalasse em seu novo lar: 26 de junho de 1852, após o fim formal do luto compulsório de dois anos pela morte do imperador Daoguang, sinalizado pela visita do novo imperador ao mausoléu do pai, a oeste de Beijing. Durante esse período de luto lhe foi exigido que se abstinhasse de sexo. Ao entrar no palácio, foi dado a Cixi o nome Lan, que parece ter se derivado de seu sobrenome, Nala, às vezes grafado como Nalan. Lan era também o nome da magnólia ou da orquídea. Dar a uma moça o nome de uma flor era prática comum. Cixi não gostou do nome, e, assim que se viu em condições de pedir um favor ao imperador, conseguiu trocá-lo.

O harém em que ela passou a morar naquele dia de verão era um mundo de pátios murados e corredores longos e estreitos. Ao contrário da área frontal, masculina, essa parte da Cidade Proibida não tinha um clima de tanta

grandiosidade, porém havia muitas árvores, flores e jardins decorados com pedras. A imperatriz ocupava um palácio ali, e cada uma das concubinas tinha um pequeno apartamento. Os quartos eram decorados com sedas bordadas, móveis entalhados e adornos cobertos de joias, mas eram poucas as mostras de individualidade ali permitidas. Regras rígidas governavam o funcionamento do harém, como de toda a Cidade Proibida. Os objetos que as moças podiam ter em seus aposentos, a quantidade e a qualidade dos tecidos de suas roupas, os tipos de alimentos a ser consumidos a cada dia — tudo isso era determinado meticulosamente, segundo a categoria de cada uma. Com relação a alimentos,¹⁴ a imperatriz tinha direito, diariamente, a treze quilos de carne, um frango, um pato, dez pacotes de chá, doze jarros de uma água especial trazida das Colinas da Fonte de Jade, bem como quantidades específicas de diferentes tipos de verduras, cereais, especiarias e outros produtos.* Tinha direito ainda, todos os dias, ao leite produzido por nada menos que 25 vacas. (Ao contrário da maioria dos hans, os manchus bebiam leite e consumiam laticínios.)

Cixi não foi feita imperatriz. Era uma concubina e, além disso, de baixa categoria. Havia oito degraus na hierarquia de consortes imperiais, e Cixi estava no sexto, o que a punha no grupo mais baixo (do sexto ao oitavo degraus). Nessa categoria, não tinha direito a vaca privada e só recebia três quilos de carne por dia. Tinha quatro criadas pessoais, enquanto a imperatriz dispunha de dez, além de numerosos eunucos.

A nova imperatriz, uma moça chamada Zhen, palavra que significa “castidade”, entrara para a corte junto com Cixi. Também começara como concubina, mas numa categoria mais alta, a quinta. Dentro de quatro meses e antes do fim do ano, porém, fora promovida à primeira categoria, a de imperatriz. Não por causa de sua beleza, pois a imperatriz Zhen nada tinha de bonita. Além disso, não gozava de boa saúde, e os mesmos enxeridos que apelidaram seu marido de “Dragão Covo” a chamavam de “Fênix Frágil” (a fênix era o símbolo da imperatriz). No entanto, ela possuía a qualidade mais prezada numa imperatriz: tinha personalidade e habilidade para se dar bem com as demais consortes e para dirigi-las, como também os servos. O papel principal de uma imperatriz consistia em ser a gerente do harém, e a imperatriz Zhen cumpria essa

* As “sobras” não eram desperdiçadas. Um imperador anterior determinara que deveriam ser dadas aos servos, e que as sobras destes fossem dadas a gatos e cães. Nem os resíduos deveriam ser jogados fora: deviam ser secados e usados como ração para aves.¹⁵

tarefa à perfeição. Sob seu comando, o harém estava notavelmente isento da maledicência e das implicâncias endêmicas nesses lugares.

Nada indica que o imperador tivesse especial apreço por Cixi como concubina. Na Cidade Proibida, a vida sexual do imperador era registrada diligentemente.¹⁶ Ele escolhia a parceira sexual da noite escrevendo o nome dela numa tábula de bambu que o chefe dos eunucos lhe apresentava ao jantar, refeição que em geral ele fazia a sós. O imperador dispunha de dois quartos de dormir, um com espelhos em todas as paredes, e o outro com biombos de seda. Os leitos tinham dosséis de seda, dos quais pendiam bolsas de perfume. Os dosséis eram baixados nos dois quartos quando o imperador entrava em um deles. Isso parecia se dever a questões de segurança, pois nem mesmo os servos pessoais sabiam com certeza qual a cama que ele ocuparia. As normas da corte proibiam que o imperador dormisse na cama de suas mulheres. Elas vinham a ele, e, a darmos crédito à lenda, a escolhida da noite era carregada por um eunuco, nua e envolta em sedas. Depois do sexo, a mulher era levada de volta. Não tinha permissão de passar a noite no quarto do imperador.

O Dragão Coxo era um amante ardente. Não há outro imperador Qing de quem se contem mais histórias sobre atividades sexuais. Suas consortes logo aumentaram para dezenove, das quais algumas eram ex-criadas do palácio, promovidas à categoria de concubinas. Também provinham de todas as partes da China, e em geral eram moças de famílias manchus de classe baixa. Além disso, mulheres que não pertenciam à corte também eram levadas à sua cama. Corriam boatos de que, na maioria, eram notórias prostitutas hans que tinham tido os pés atados, costume que, aparentemente, o atraía. Como a Cidade Proibida obedecia a regras inflexíveis, dizia-se que elas eram levadas às escondidas ao Antigo Palácio de Verão — os *Yuan-ming-yuan*, Jardins do Resplendor Perfeito —, um enorme complexo ajardinado a cerca de oito quilômetros a oeste de Beijing. Ali as regras eram menos estritas, e o imperador podia se entregar com mais liberdade a seus folguedos sexuais.

Durante quase dois anos, esse imperador sexualmente feroso — pode-se até tachá-lo de priápico — não mostrou nenhuma atração especial por Cixi. Deixou-a na categoria seis, ao mesmo tempo em que promovia à sua graduação concubinas dos graus sete e oito. Alguma coisa o afastava dela. Ao que parece, na ânsia de agradar ao marido, a adolescente Cixi errava ao tentar participar de suas preocupações.

O imperador Xianfeng enfrentava problemas monumentais. Assim que subiu ao trono, em 1850, rebentou na província de Guangxi, na costa sul, a maior rebelião camponesa na história da China, a Taiping. A fome empurrou dezenas de milhares de camponeses a uma aventura desesperada — a sublevação armada —, muito embora eles se arriscassem às mais medonhas consequências. Para seus líderes, a punição inevitável era o *ling-chi*, a “morte por mil cortes”, suplício no qual o condenado era retalhado pedaço por pedaço, em público. Nem mesmo isso bastou para deter os camponeses, que se viam diante da morte lenta pela fome, e não tardou que o exército rebelde Taiping congregasse centenas de milhares de soldados. No fim de março de 1853, esse exército investiu contra a antiga capital, no sul, Nanjing, e criou um Estado antagônico, o Reino Celestial Taiping. No dia em que recebeu a notícia, o imperador Xianfeng chorou diante de seus ministros.¹⁷

Tampouco esse era o único infortúnio do imperador. Outras numerosas rebeliões sacudiram a maioria das dezoito províncias no interior da Grande Muralha. Inúmeras aldeias, vilas e cidades ficaram devastadas. O império se achava em tal situação de balbúrdia que o imperador foi obrigado a emitir, em 1852, uma Apologia Imperial.¹⁸ Essa era a forma suprema de contrição por parte de um monarca diante da nação.

Isso ocorreu pouco depois de Cixi ingressar na corte. Os problemas de seu marido podiam ser percebidos até nas profundezas da Cidade Proibida. A reserva de prata do Estado se reduziu ao nível mais baixo na história, caindo a 290 mil taéis.¹⁹ Como forma de ajudar a pagar a manutenção de seus soldados, o imperador Xianfeng recorreu à bolsa da casa imperial, na qual, como se verificou, só restavam 41 mil taéis, que mal eram suficientes para cobrir as despesas do dia a dia. Tesouros da Cidade Proibida foram derretidos, entre eles três gigantescos sinos de ouro puro. A suas consortes ele dirigiu graves advertências, como as seguintes, escritas por ele próprio:

Proíbe-se usar grandes adornos de orelha ou brincos de jade.

Proíbe-se mais de duas flores com pedrarias no cabelo, e aquela que usar três será punida.

Proíbe-se o uso de sapatos com salto maior que um *cun* [cerca de 2,5 centímetros], e aquela cujos sapatos tenham salto superior a 1,5 *cun* será punida.²⁰

Os desastres do império também afetaram diretamente a família de Cixi, com a qual ela mantinha contato. Antes de seu ingresso na corte, o pai dela tinha sido transferido para a província de Anhauí, perto de Shanghai, para ser o governador de uma região que administrava 28 condados e tinha sede em Wuhu, uma próspera cidade às margens do rio Yangtzé.²¹ Entretanto, isso ficava muito perto do campo de batalha da Rebelião Taiping, e um ano depois seu pai se viu obrigado a fugir quando os rebeldes atacaram a cidade. Temeroso da ira do imperador — algumas autoridades acusadas de abandono do posto tinham sido decapitadas — e exaurido pela fuga, Huizheng adoeceu e morreu no verão de 1853.

A morte do pai, a quem ela era muito apegada, fez Cixi sentir que devia mesmo fazer alguma coisa para ajudar o império — e o marido. Ao que parece, ela tentou lhe dar algumas sugestões sobre como ele poderia enfrentar as sublevações. Habituada a um meio em que suas opiniões eram solicitadas e acatadas pela própria família, pode-se imaginar que ela supôs que também Xianfeng daria ouvidos a suas ideias. Mas isso só fez aborrecê-lo. Seguindo a antiga tradição chinesa, a corte Qing proibia taxativamente que as consortes reais se imiscuissem de qualquer modo nos negócios de Estado. O imperador Xianfeng determinou à imperatriz Zhen que tomasse alguma atitude em relação a Cixi, usando termos pejorativos para se referir a suas propostas — “ardilosas e dissimuladas”.²² Cixi violara uma regra básica e se arriscava à pena capital.* De acordo com uma história conhecida, mais tarde o imperador Xianfeng entregou um edito privado à imperatriz Zhen, dizendo que temia que, depois que ele morresse, Cixi tentasse interferir nos negócios de Estado e que, se um dia isso acontecesse, a imperatriz Zhen deveria mostrar o edito aos príncipes e fazer com que ela fosse “exterminada”.²³ No entanto, ou assim diz a história, a imperatriz Zhen mostrou o documento a Cixi depois da morte do marido e então o queimou.

A imperatriz Zhen era uma mulher corajosa, e seus contemporâneos também lhe louvavam a bondade. Quando o imperador se enfurecia com uma concubina, ela sempre mediava a situação.²⁴ Nessa ocasião, ao que parece, ela interveio em favor de Cixi. E o argumento que utilizou bem pode ter sido que

* Há quem diga que Cixi ajudava o marido a ler informes oficiais e a redigir instruções, mas nada comprova isso.

Cixi estava apenas tentando — talvez com veemência excessiva — expressar seu amor e sua preocupação por sua majestade. Nessa ocasião, muito perigosa para Cixi, a imperatriz Zhen a protegeu. Isso ajudou a lançar os alicerces da devoção que, durante toda a vida, Cixi dedicou à imperatriz. E esses sentimentos eram mútuos. Cixi nunca se mostrara desleal no trato com a imperatriz Zhen. Embora devesse sentir-se insatisfeita com sua posição na base da hierarquia das consortes, enquanto Zhen ascendera nela e se tornara imperatriz, Cixi nunca moveu um dedo para prejudicar Zhen. Mesmo seus maiores inimigos nunca a acusaram de intriga. Se havia algum ciúme, o que na posição de Cixi pareceria inevitável, ela o mantinha absolutamente sob controle e nunca permitiu que isso envenenasse sua relação com Zhen. Cixi não era mesquinha — e era sensata. Por isso, em vez de mostrarem rivalidade, as duas mulheres se tornaram boas amigas, com a imperatriz dirigindo-se a Cixi, na intimidade, como “irmãzinha”.²⁵ Na realidade, ela era um ano mais nova do que Cixi, mas essa intimidade traduzia sua superioridade como imperatriz.

É bem possível que a imperatriz Zhen tenha agido no sentido de persuadir o imperador a promover Cixi, em 1854, da categoria seis para a cinco, tirando-a do grupo inferior. Como complemento dessa promoção, ele lhe conferiu um novo nome, cuidadosamente estudado, Yi, que significa “exemplar”.²⁶ Um edito especial, escrito de próprio punho pelo imperador, na tinta carmesim que assinalava a autoridade do monarca, anunciou publicamente o novo nome de Cixi, junto com sua promoção. Para que ela recebesse a honraria formalmente, realizou-se uma cerimônia durante a qual eunucos do Departamento de Música da corte executaram composições de congratulação.

O episódio mostrou a Cixi que para sobreviver na corte ela devia calar com relação a assuntos de Estado. Isso lhe era difícil, pois ela via que a dinastia corria sério perigo. Os rebeldes Taiping não só vinham consolidando suas bases no sul da China como estavam enviando expedições militares que apontavam para um ataque a Beijing. Cixi sentia que tinha ideias viáveis — na verdade, foi durante seu governo que os rebeldes Taiping acabaram sendo derrotados. No entanto, ela não podia dizer uma só palavra, e podia falar com o marido apenas de assuntos que não envolvessem política, como música e arte. O imperador Xianfeng tinha dotes artísticos. Suas pinturas da adolescência (gravuras, paisagens e cavalos com olhos cativantes) eram de qualidade extraordinária. Cixi também sabia desenhar. Tinha desenhado moldes de bordados quando

menina, e suas pinturas e caligrafia desabrochariam na velhice. Pelo menos, podia falar sobre esses interesses comuns com o marido. A ópera proporcionava um vínculo ainda mais estreito entre eles. O imperador Xianfeng não só gostava de assistir a óperas como também compunha melodias, escrevia letras e dirigia espetáculos. Chegava a usar maquiagem e participar das representações. Desejando aprimorar seus conhecimentos, chamava atores para ensinar a eunucos, e enquanto assistia às aulas, aprendia também. Seus instrumentos prediletos, que ele tocava bem, eram a flauta e o tambor. Quanto a Cixi, sua paixão de toda a vida pela ópera contribuiria no futuro para ajudar a criar uma sofisticada forma de arte.

Em 27 de abril de 1856, Cixi deu à luz um filho. Isso alteraria seu destino.